



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

11 de setembro 2012



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: O Estado de São Paulo	Editoria: Educação	Data: 11/09/12
Assunto: Opinião: Educação - tudo legal e tudo muito ruim		Página: Online

O ESTADO DE S. PAULO

Opinião: Educação - tudo legal e tudo muito ruim

"Os professores ensinam o que sabem, sem poder mudar currículos, e de olho nos testes estandardizados por meio dos quais o MEC insiste em que todos usem o mesmo tamanho de sapato, não importando o tamanho do pé", afirma Alexandre Barros

*Alexandre Barros

O título é de Anísio Teixeira, na década de 1950. E continua na mesma.

A paixão da Educação brasileira é a burocracia. Tudo é legalmente correto, mas os resultados são pífios. Os currículos são fixados e fiscalizados pelo Ministério da Educação (MEC) e terminam em exames que medem todos os Alunos com a mesma régua. Não importam as suas preferências intelectuais e pretensões profissionais. Bem-sucedido é quem tira as melhores notas em todas as matérias, só que a vida e os progressos não são medidos assim. Uns serão capazes em umas coisas e outros, em outras. "Eu não posso fazer isso, mas posso fazer aquilo" e são as diversidades que alimentam o progresso, não as homogeneidades. Mal educamos a maioria dos Alunos para as coisas que eles não gostam de fazer e fracassamos em ensinar-lhes o que eles gostam.

Todos sabemos, já no segundo grau, definir nossa direção básica: ciências humanas e sociais ou exatas. O gargalo são as exatas.

Perguntei a um Professor de Matemática, defensor apaixonado da necessidade de todos saberem altas matemáticas, para que elas servissem. Sua pronta resposta: "Para calcular o tamanho dos planetas e a distância entre eles". Segunda pergunta: e quando foi a última vez que o senhor precisou calcular o tamanho de um planeta? Ele coçou a parte de trás da cabeça, sorriu e disse: "Só quando eu estava na Escola". Isso não é uma diatribe para que não se ensinem ciências exatas na Escola, mas a maneira de ensinar pode e deve variar, dependendo do propósito, das vocações e das intenções de cada Aluno.

Hoje o acesso às informações está gigantescamente expandido. Fora da internet, há ciência no canais de TV do tipo Discovery e seus desdobramentos, como há nos seriados policiais CSI, Criminal Minds e Numbers. Isso basta para quem não vai ser cientista exato. Para quem vai há necessidade de saber mais sobre cálculos e experimentos. Fica, então, a pergunta: por que tentar enfiar paralelepípedos em buracos cilíndricos e esperar que eles coincidam exatamente?

Autoritarismo burocrático é a resposta. É assim "porque tem de ser assim". Os Professores ensinam o que sabem, sem poder mudar currículos, e de olho nos testes estandardizados por meio dos quais o MEC insiste em que todos usem o mesmo tamanho de sapato, não importando o tamanho do pé.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Na década de 1990 a Universidade Estácio de Sá criou cursos com aulas das 11 da noite à 1 da madrugada. O MEC não autorizou. A razão alegada: ninguém pode estudar a sério nesse horário. Depois de idas e vindas burocráticas, acabaram autorizados e foram um grande sucesso. Havia público, que, pelas mais variadas razões, se sentia bem e rendia melhor nesse horário.

No ano passado, com a falta de mão de obra especializada, o Senai, que não é controlado pelo MEC, criou cursos na área de metalurgia, nas favelas do Complexo do Alemão, das 4 da madrugada às 7 da manhã. Estavam duros de gente e havia fila na porta (O Estado de S. Paulo, 31/7/2011). Na ausência do preciosismo autoritário-regulatório do MEC, os cursos foram criados para atender às necessidades do mercado e aos interesses dos candidatos.

Isso nos leva à conclusão de estudo recente de Simon Schwartzman: Educação e crescimento econômico estão ligados, só que, ao contrário do que o senso comum pensava, é o crescimento econômico que empurra a Educação, e não esta que puxa o crescimento.

As grandes universidades tecnológicas norte-americanas, criadas e financiadas pelos milionários do fim do século 19 e início do século 20, como John Rockefeller, Andrew Carnegie, Andrew Mellon e Leland Stanford, surgiram não porque a burocracia exigia ou gostava, mas porque a continuação do crescimento capitalista das fortunas dos robber barons dependia da formação de profissionais. No Brasil tudo fica na mão do governo, que pouco sabe do que o crescimento precisa e segue iludido achando que é a Educação que puxa o desenvolvimento.

Sofro de discalculia (dificuldades em matemática, Estado, 9/4/2009). Pouco aprendi na Escola nessa matéria, mas era fascinado pelos conceitos e princípios matemáticos descritos por Malba Tahan em O Homem que Calculava (Editora Record). Aprendi muito com o Laboratório Químico Juvenil - fornecia substâncias que, quando misturadas corretamente, produziam tinta de escrever invisível, cores ou fumaça - e com o Poliopticon, cheio de lentes e tubos que me permitiam fazer desde microscópios até lunetas para ver as vizinhas trocando de roupa.

Cedo aprendi o básico sobre perfuração de petróleo em O Poço do Visconde, de Monteiro Lobato, originalmente publicado em 1937. Mais recentemente, entendi muitos conceitos de estatística, que tentaram ensinar-me por meio de fórmulas e cálculos, lendo o Desafio aos Deuses: A Fantástica História do Risco, de Peter L. Bernstein (Campus, 1997).

Nunca iria ser cientista exato, mas tudo isso foi importante para entender o mundo. Com o Tesouro da Juventude (uma coleção de livros que era como que uma mescla das revistas Superinteressante e Galileu) aprendi a fazer uma porção de coisas que currículos e Professores insistiam em não ensinar ou em fazê-lo de maneira errada.

Ou bem passamos a fornecer Educação customizada, tal como vendemos sapatos dos tamanhos e modelos adequados aos pés dos clientes, ou vamos continuar a seguir a sina de Anísio Teixeira. Na Educação tudo seguirá sendo legal, mas continuará sendo muito ruim e não funcionando.

Nisso desperdiçaremos dinheiro dos pagadores de impostos, que terão a ilusão de que a Educação será melhor apenas porque o governo gasta mais dinheiro e insiste em formar todos para se tornarem cientistas e literatos, quando a grande demanda do crescimento vai em outra direção.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: G1	Editoria: Vestibular e Educação	Data: 11/09/12
Assunto: Ensino para adultos tem queda de matrículas pelo 6º ano seguido		Página: Online



VESTIBULAR E EDUCAÇÃO

Ensino para adultos tem queda de matrículas pelo 6º ano seguido

Mas sobe o nº de brasileiros acima de 25 anos sem educação fundamental. Nesta semana, saíram os números preliminares do Censo Escolar 2012.

Ana Carolina Moreno Do G1, em São Paulo

Na última década, o número total de matrículas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil não passou de 5,7 milhões e, desde 2006, ele vem caindo anualmente. Por outro lado, o número de brasileiros com mais de 25 anos que não têm instrução ou não completaram o ensino fundamental cresceu de 51,2 milhões para 54,4 milhões entre 2000 e 2010, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE).

Dados preliminares do Censo Escolar de 2012, divulgados pelo Ministério da Educação na quinta-feira (6), mostram que a sequência de queda não deve ser revertida neste ano. O levantamento mais recente registrou 3.295.678 matrículas nas redes estaduais e municipais --que possuem a maior parte dos alunos. Eles não levam em conta as matrículas em cursos semipresenciais e nas redes federal e privada.

De acordo com o Ministério da Educação, esse dado é preliminar e parcial e não pode servir como base para análises, pois ainda será validado pelos gestores escolares nos próximos 30 dias. O MEC afirmou que só comenta os dados finais do Censo Escolar. Eles costumam ser divulgados todos os anos no mês de dezembro.

saiba mais

- Brasil tem 41.183.103 estudantes matriculados na rede pública

Desde pelo menos 2009, os dados preliminares e finais do Censo Escolar referentes apenas às turmas presenciais das redes estaduais e municipais, no caso da EJA, tiveram uma variação para cima de entre 1% e 2,5%. Nas últimas três edições finalizadas, as matrículas caíram de 3.917.785 em 2009 para 3.642.513 em 2010 e 3.434.566 em 2011.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

O número total de adultos matriculados no sistema educacional atualmente é de pouco mais de 5 milhões. De acordo com o Censo Escolar de 2011, 4.046.169 matrículas foram registradas em todas as redes de EJA no ano passado, e, segundo dados do MEC de julho deste ano, 1.167.113 de brasileiros participavam do Programa Brasil Alfabetizado. A soma das duas modalidades equivale a 9,57% da população considerada o "público-alvo" dos programas em 2010.

O número pode ser ainda menor, já que a rede também atende jovens entre 18 e 25 anos e, cada vez menos, até de 15 a 17 anos.

MATRÍCULAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS*

2002	4.734.117
2003	5.432.813
2004	5.718.061
2005	5.615.409
2006	5.616.291
2007	4.985.338
2008	4.945.424
2009	4.661.332
2010	4.287.234
2011	4.046.169

*Inclui as modalidades presencial e semipresencial, todas as redes de ensino e cursos preparatórios

Fonte: Censo Escolar (MEC/Inep)

Queda contínua e fechamento de turmas

As 4.046.169 matrículas em todas as turmas de EJA do país no ano passado mantiveram o Brasil em uma sequência de cinco quedas consecutivas.

Embora o aumento contínuo da rigorosidade metodológica do Censo Escolar seja um dos fatores para a queda no número de matrículas em praticamente todas as modalidades de ensino --com exceção das turmas de educação infantil e educação especial--, os dados sobre o número de salas de aulas e turmas de EJA pelo Brasil demonstram que há cada vez mais opções para os brasileiros que não tiveram acesso à educação na idade certa e que desejam voltar à escola.

Em 2007, o país tinha 166.254 turmas de educação de jovens e adultos nas redes municipais e estaduais. No Censo Escolar de 2011, eram 147.361, o que representa uma queda de 18,9%. Apenas oito dos 26 estados aumentaram sua rede nas esferas municipais e estadual. Em outras três, o número permaneceu quase igual. Nos demais 15 estados e no Distrito Federal, houve queda na quantidade de turmas para adultos.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

São Paulo foi o estado que mais fechou salas: 38% das 26.003 turmas desapareceram em cinco anos (na rede estadual, 41% das turmas foram fechadas). Paraná tinha 37,1% turmas a menos em 2011 que em 2007, seguida do Tocantins, com queda de 37%.

Dentro do Ministério da Educação, o ensino de pessoas fora da idade certa é de responsabilidade de uma diretoria específica na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. O MEC realiza o Programa Brasil Alfabetizado em parceria com os governos estaduais, distrital e municipais.

Neste ano, dados do ministério mostram que menos de 10% do total da população analfabeta apontada pelo Censo 2010 do IBGE era atendida pelo programa. Já a EJA recebe recursos do governo federal, mas é gerenciada com autonomia pelos governos e prefeituras. Uma minoria das matrículas está na rede pública federal e na rede privada.

É uma multiplicidade de fatores, se não investir de fato em entendê-los é difícil reverter a queda"

Roberto Catelli, coordenador
do Programa EJA, da Ação Educativa

Investimento pouco atraente

Segundo Roberto Catelli, coordenador do Programa EJA da organização não-governamental Ação Educativa, os resultados negativos têm muitas causas. "É uma multiplicidade de fatores, se não investir de fato em entendê-los é difícil reverter a queda", afirmou ele ao **G1**, que listou como motivos a falta de flexibilidade de horários e currículos para que os adultos, que têm outras prioridades, como família e emprego, possam voltar às aulas e, mais importante, permanecer nelas.

O especialista afirma ainda que falta indicadores mais precisos, principalmente sobre a questão da permanência dos alunos nessas turmas. Em nota divulgada em julho, o MEC afirmou que não coleta dados sobre evasão nessa modalidade de ensino.

Recuperar adultos que não receberam instrução quando crianças é não é tarefa simples, afirma Simon Schwartzman, ex-presidente do IBGE e pesquisador do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets). "É muito difícil você recuperar uma pessoa que chegou aos 40 anos analfabeta, que ainda está fazendo o fundamental. Ela nunca usou a leitura na vida, a matemática, é difícil fazer disso uma coisa que ela vai incorporar na vida", diz.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

14 de dezembro de 2006 14:02:17 Page 11

14 Direitos do consumidor

SACO SEM FUNDO



O consumidor consciente sabe quanto pode gastar sem comprometer o seu orçamento.

Não foi isso que aconteceu em janeiro de 2006, quando o volume de cheques sem fundos cresceu quase 25%.

Comparado com o mês de janeiro de 2005, quando 15 cheques a cada mil foram devolvidos, o índice de 19 cheques devolvidos em janeiro de 2006 mostra que o consumidor brasileiro está gastando mais do que pode pagar.

Esse alto índice reflete uma má administração das finanças pessoais. Mesmo disso é reflexo das compras de Natal, feitas na base do crédito, quando a dívida contrada no fim anterior precisa ser paga no início do ano seguinte: suas despesas o orçamento e compromete o pagamento de outras despesas cotidianas nessa época do ano, como IPTU, IPTV e despesas escolares.

Antes de contrair dívidas, é recomendável ao consumidor avaliar os riscos de comprometer uma grande parte do orçamento com o pagamento de juros - no Brasil praticado em uma das maiores taxas do mundo. Na medida do possível, deve-se comprar à vista.

Mas o consumidor não é o único "culpa-do" pela alta taxa de inadimplência. Os comerciantes que não fazem os procedimentos de análise de crédito para autorizar a compra também têm sua parcela de responsabilidade.

Fonte: Relatório de Pesquisa de Mercado do Ibope em parceria com a Associação Brasileira de Bancos (ABRABANCO).

Qualidade de Vida, Consumo e Trabalho • 35

Trecho do material didático usado nas turmas de EJA (Foto: Reprodução)

O pesquisador defende investir em outras faixas etárias. "O investimento público mais importante tem que ser justamente quando a pessoa é mais jovem, é aí que você pode ter mais retorno."

Daniel Cara, coordenador da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, afirma que o Brasil tem estruturas como os sistemas de saúde e assistência social que podem ser usadas para atrair as parcelas da população adulta sem instrução às escolas, mas falta apoio do poder público.

"As gerações que eram crianças a partir dos anos 1990 tinham mais oportunidade de acesso à escola porque mais escolas estavam sendo construídas. O desafio para superar aquilo que falta às gerações anteriores é fazer a busca ativa, uma política de ajuste fino. O Brasil já tem bastante ferramenta de gestão que facilita esse trabalho, mas precisa de vontade política."

Essa vontade, segundo ele, variou muito nas últimas gestões da educação. Porém, a falta de investimentos na educação infantil é muito mais cobrada, tanto pelos órgãos fiscalizadores quanto pela sociedade, do que o ensino das gerações mais velhas.

"Tem gente que diz que não adianta investir em EJA porque a pessoa vai morrer. Além de ser um aspecto de desrespeito ao cidadão, porque esse é um direito dele, é falta de conhecimento sobre a realidade das pessoas mais pobres. O fato de ela ter educação, mesmo que tardia, garante um enorme ganho de sobrevivência, qualidade de vida e desenvolvimento econômico", afirma ele.



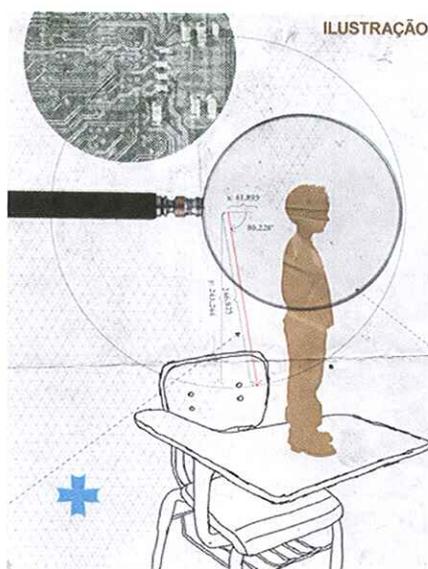
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: G1	Editoria: Vestibular e Educação	Data: 11/09/12
Assunto: Diário de Classe ³ prova que alunos podem ajudar a melhorar escolas		Página: Online



VESTIBULAR E EDUCAÇÃO

'Diário de Classe' prova que alunos podem ajudar a melhorar escolas



Muito se fala dos problemas que as escolas públicas enfrentam, como prédios mal conservados e alunos e professores pouco envolvidos com o projeto pedagógico. São tantos e se perpetuaram de tal forma, que acabaram sendo incorporados como estado natural das coisas.

Essa visão da educação pública pulverizou a ideia de que há um problema, não havendo mais incômodo – primeiro passo para que mudanças ocorram.

Felizmente nem todos sentem assim. Em Florianópolis, a adolescente Isadora Faber se incomodou e resolveu usar uma ferramenta muito popular para mostrar os problemas de sua escola – o facebook. Criou um espaço em sua página, o 'Diário de Classe', para esse fim.

Não é que deu certo? Sua atitude mexeu com a vaidade dos profissionais envolvidos, que não gostaram muito. Ela tirou a poeira debaixo do tapete e isso quer dizer que eles vão precisar tomar uma atitude. Não sabemos se estão dispostos a isso. Eles se revoltaram e tentaram reprimir sua ação.

Porém, Isadora agiu de maneira bastante madura. Ao invés de gritar, espernear e fazer ataques agressivos, ajudando a depredar ainda mais a escola, simplesmente apontou o que não estava bom. Por exemplo, no primeiro bimestre ela não teve nota de inglês por



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

falta de professor e colocou isso em sua página. Também não se esqueceu de mostrar as conquistas.

Mas o mais interessante é não ter colocado os alunos na situação de vítima. Pelo contrário, responsabilizou-os pelos danos físicos encontrados no prédio. O que tem grande chance de mobilizá-los para que hajam de maneira diferente. Surte mais efeito a crítica de um adolescente para outro, do que aquela feita por uma figura de autoridade. Principalmente nessa fase, em que a oposição dá o tom ao comportamento dos jovens.

Além do mais, usou de um recurso típico deles, uma rede social. Não houve decretos e reuniões enfadonhas a respeito do assunto. Usando uma linguagem ágil, chamou a todos para o que estava acontecendo.

Fica a dica para as escolas como sendo um modo de mobilização para a resolução de seus problemas – desde que, é claro, queiram vê-los e resolvê-los. Quando os alunos trazem os problemas e são convocados a ajudarem, participando ativamente, as coisas podem dar certo. Estimula-se, neles, o desenvolvimento da responsabilidade e do compromisso com o mundo.

É preciso, no entanto, o envolvimento das autoridades. Elas precisam tomar a frente. No caso da escola de Isadora, que não passe apenas de um fogo de palha devido à repercussão que seu diário de classe alcançou.



Veículo: A Notícia

Editoria: AN Joinville

Data: 11/09/2012

Assunto: Ensino Integral: Pouca variedade na merenda

Página: 06

A NOTÍCIA

Ensino integral

Pouca variedade na merenda

Aluno faz vídeo com opções do almoço: feijão e atum como pratos principais

GISELE KRAMA

gisele.krama@an.com.br

Pais de alunos que frequentam o ensino médio integral da Escola Estadual Celso Ramos, no Bucarein, reclamam de problemas no cardápio do almoço. Há dez dias, os estudantes estariam comendo apenas feijão e carne moída ou feijão e atum – ou seja, sem outras opções de carboidratos importantes, como arroz e macarrão, ou saladas.

É a segunda vez que a escola passa por problemas na oferta de almoço. No começo do ano, por falta de merendeira, professores foram para a cozinha para não deixar os alunos sem comer.

Um aluno fez um vídeo e publicou na internet. Na cena, de-

pois de fazer as imagens do bufê com feijão e atum, ele questiona uma das merendeiras. Nas imagens, não fica claro se há outros alimentos. Em uma segunda mesa, aparece um recipiente que parece ter um tipo de salada verde. Há, também, uma quarta bandeja, mas não é possível identificar o que há nela.

Atualmente, a secretaria é responsável por enviar alguns alimentos e enlatados para as escolas de ensino médio integral, como arroz, feijão. As verduras e algumas carnes são compradas pela própria direção da escola com R\$ 24 mil bimestrais.

Reclamação formal

Um dos pais só ficou sabendo ontem da falta de variedades nos alimentos. Ele recebeu uma mensagem do filho dizendo que não queria almoçar na escola porque só tinha feijão e atum.

Ele foi conversar com a diretora confirmou a informação. “A semana passada foi a mesma

coisa. Soube que está há dez dias com este problema. A diretora não deu prazo para resolver”, destaca. E ainda desabafa: “A gente não sabe o que fazer. Quem é que passa a semana com feijão e atum?”, questionou.

O pai, que preferiu não se identificar, disse ainda que a direção estava liberando os estudantes para almoçar em casa e, depois, retornar para a aula. Agora, a única solução que vê será buscar o filho todos os dias, levá-lo para almoçar, e devolvê-lo novamente para a escola.

A diretora da escola, Karla Korner Abumansur, não quis comentar a reclamação dos pais, nem prestar informações sobre o assunto. Questionada se sabia do problema, respondeu que sim, mas que apenas a gerência regional de educação da Secretaria de Desenvolvimento Regional poderia se manifestar sobre o assunto.

AN.com.br
Confira o vídeo.

CONTRAPONTO

A gerente de Educação da SDR, Clarice Portella, disse desconhecer a falta de alimentos no Celso Ramos. Quando soube da reclamação do pai, ela diz ter entrado em contato com a direção da escola, que negou o problema. Na semana passada,

conforme a gerente, a direção pediu complementação da merenda, mas não mencionou a falta de alimentos. A gerente diz que a Secretaria Estadual de Educação está providenciando mais opções para a próxima semana.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: A Notícia

Editoria: AN Joinville

Data: 11/09/2012

Assunto: 24 escolas unidas em feira de matemática

Página: 06

A NOTÍCIA

Dia dedicado aos números

27 escolas unidas em feira de matemática

Longe dos cálculos e fórmulas, alunos de 27 escolas municipais de Joinville soltaram a imaginação para produzir exemplos de matemática de um jeito diferente. Como aplicar a disciplina na vida real? Como facilitar o aprendizado?

Este são os desafios dos participantes da 14ª Feira Municipal de Matemática, que ocorre amanhã, na Escola Municipal João Costa, no bairro Itaum.

Oscar Vinícius Pereira, 14 anos, e Flávio Crystian Neis, 15, são colegas do nono ano da Escola João Costa e participam pela

quarta vez da feira. Eles escolheram um tema que está presente em nossas vidas todos os dias. Os garotos irão explicar como funcionam os impostos. Com a ajuda do site Impostômetro, eles ainda relatam quanto já pagamos de impostos neste ano. "Já passamos da casa de R\$ 1 trilhão de impostos", lembrou Flávio.

O resultado da feira será divulgado assim que as atividades da feira encerrarem, às 16 horas. Os trabalhos com as 20 melhores notas vão participar da Feira Regional de Matemática marcada para o fim do mês.



DIA A DIA

Oscar (E) e Flávio vão explicar como funcionam os impostos



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Diário do Leitor	Data: 11/09/2012
Assunto: Educação		Página: 13

DIÁRIO CATARINENSE



Educação

Parabéns ao Grupo RBS pela iniciativa em discutir sobre a qualidade da educação no Brasil. É lamentável que ocupemos hoje a 88ª colocação no ranking mundial, reflexo de governos que há décadas brincam de fazer educação. Só chegaremos ao topo da economia mundial quando governos valorizarem e priorizarem a educação em nosso país. Ótima iniciativa esta da RBS.

*Eduardo Tagliapietra
Vieira*